**Quando o papa se inspira em Karl Rahner. Artigo de Alfonso Botti**

O que há de mais religioso, no sentido da referência à transcendência, do que a encíclica programática [Evangelii gaudium](http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/104_cadernosteologiapublica.pdf%22%20%5Ct%20%22_blank) e de mais político em relação aos dramáticos **problemas ambientais** e das **mudanças climáticas** do que a [Laudato si’](http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599012-semana-laudato-si-cinco-anos-de-ecologia-integral%22%20%5Ct%20%22_blank)?

A opinião é de **Alfonso Botti**, professor de História Contemporânea na Universidade de Modena e Reggio Emilia, em artigo publicado por **Vatican Insider**, 20-05-2020. A tradução é de **Moisés Sbardelotto**.

**Eis o artigo.**

No **Corriere della Sera** do dia 9 de maio, [Ernesto Galli della Loggia](http://www.ihu.unisinos.br/598993-papa-francisco-e-as-palavras-ao-filho-prodigo-que-irrita-os-bons-filhos-artigo-de-adriano-sofri) escreveu “que, assim que ultrapassa o âmbito das cerimônias e dos ritos, o discurso público de **Francisco** tende a perder toda a especificidade de tipo religioso”.

A substância do seu discurso público, embora em sintonia com a mensagem do **Evangelho**, seria pobre “de especificidades ‘fortes’ de tipo religioso”, razão pela qual o seu pontificado marcaria “uma fratura em relação à tradição do magistério papal”.

Para demonstrar o que foi enunciado, ele recorre a dois argumentos. O primeiro é que, em vez de se dirigir a todos os homens de boa vontade, o papa se dirigiria “apenas a uma parte da sociedade, a menos favorecida”.

A segunda fratura (descomposta, seria preciso observar) diria respeito ao “substancial abandono da [doutrina social da Igreja](http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/588515-cnbb-social-acao-social-da-igreja-e-uma-exigencia-da-fe%22%20%5Ct%20%22_blank)”, do “universalismo humanista tão central nas principais resoluções conciliares”, a “acentuada negligência em relação à história cultural do **Ocidente**”.

A isso se acrescentaria a [hostilidade ao capitalismo e aos Estados Unidos](http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598507-estados-unidos-socialismo-para-os-ricos-capitalismo-duro-para-o-resto%22%20%5Ct%20%22_blank), a simpatia pela auto-organização popular de baixo, a aversão aos aspectos formais e institucionais, a partilha das expectativas dos grupos marginais e, finalmente, a esperança de soluções igualitárias no plano econômico perspectivadas na fórmula da “renda universal”. Nada mais próximo do que é anunciado na **Boa Nova**, mas que faz **Galli della Loggia** torcer o nariz.

Na opinião dele, de fato, a mensagem do Evangelho e a respectiva referência ao *depositum fidei* tenderiam a evaporar, como provado pela falta de exortações à necessidade do arrependimento, da conversão “para descobrir o sentido cristão da vida e da morte, ou seja, a verdade da transcendência, elemento constitutivo de toda religião”.

Esvaziado de conteúdos religiosos, o discurso do **Papa Francisco** acabaria sendo ideológico, “de uma ideologia de fundo populista-comunitário-anticapitalista”.

Agindo assim, a [Igreja de Bergoglio](http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/588280-os-novos-cardeais-de-francisco-um-retrato-inedito-da-igreja-de-bergoglio) teria grande dificuldade para influenciar politicamente na atual situação. Dificuldades demonstradas pela falta de apoio aos países do sul da **Europa** de tradição católica no confronto no âmbito da **União Europeia** com os do norte sobre a situação criada pela pandemia da **Covid-19**, e pela falta de posicionamentos sobre a questão dos direitos humanos e da liberdade religiosos na **China** e na **Rússia**.

Até aí, o artigo, que, se por um lado é bastante óbvio ao ressaltar a descontinuidade do atual pontificado em relação aos anteriores, por outro, apresenta uma arquitetura argumentativa muito fraca ao descrever e avaliar a nova orientação.

Deixando de lado a visão confessional subjacente à referência às tradições católicas dos países do sul da **Europa**, que dá a entender que o papa deveria defendê-los contra os predominantemente protestantes do norte, retomo dois de seus aspectos.

Quanto ao primeiro, a impressão é que **Galli della Loggia** tem uma ideia muito catequética dos anos 1950 e devocional do “elemento constitutivo” do cristianismo, que certamente continua presente na Igreja, mas que não pode ser apresentada como única e, acima de tudo, como normativa.

A partir desse ponto de vista, observar que o papa é pouco religioso não é algo que deve ser tomado como um tiro irreverente, desde que nos demos conta de que a referência de **Galli della Loggia** não é ao “elemento constitutivo” do cristianismo, mas sim à sua interpretação daquilo que ele deveria ser, interpretação que, no atual debate eclesial, está se defrontando hoje com outras concepções teológicas e eclesiológicas.

Se muitos pontificados de meados do século XIX tiveram como subtexto cultural **Joseph De Maistre** e depois **Jacques Maritain**, na verdade nunca totalmente superados, não se entende por que se deve considerar pouco religioso um papa que se inspira em [Karl Rahner](http://www.ihu.unisinos.br/599221-qual-rahner-e-caro-ao-papa-francisco-uma-pequena-hermeneutica-papal-do-teologo-alemao-artigo-de-andrea-grillo).

O que há de mais religioso, no sentido da referência à transcendência, do que a encíclica programática ***Evangelii gaudium*** e de mais político em relação aos dramáticos problemas ambientais e das mudanças climáticas do que a [Laudato si’](http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/596773-semana-laudato-si-francisco-faz-chamado-urgente-para-o-quinto-aniversario-de-sua-enciclica%22%20%5Ct%20%22_blank)?

Com o mesmo critério, não só o [Papa Francisco](http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598836-os-bispos-alemaes-atonitos-diante-das-teorias-da-conspiracao-de-muller-vigano-e-os-ultraconservadores), mas também o santo homônimo seria pouco “religioso”. E como pedir arrependimento e conversão a partir de um púlpito que representa uma instituição que apenas contraditoriamente iniciou o processo de arrependimento (com **João Paulo II**) e ainda não o da conversão?

O segundo aspecto é aquele que o artigo evita e que, precisamente por isso, surpreende, se possível, mais do que o primeiro, sendo o autor um historiador, ou seja, uma pessoa acostumada pelos protocolos do ofício a colocar as figuras no tempo e no espaço.

O **Papa Bergoglio** se viu no leme da Igreja depois de anos de não governo da instituição romana, abandonada nas mãos de uma Cúria voraz desde os últimos anos do pontificado de [João Paulo II](http://www.ihu.unisinos.br/599091-sao-joao-paulo-ii-e-homenageado-enquanto-a-polonia-convive-com-novas-acusacoes-de-abuso), devido à doença, e não governada pelo seu sucessor por manifesta inadequação para a tarefa, testemunhada pela sua renúncia, depois de 16 anos de incursões na política italiana por parte da **Conferência Episcopal Italiana** presidida pelo cardeal **Camillo Ruini** e, como se isso não bastasse, enquanto se deflagrava com as denúncias de tantíssimos casos o escândalo da pedofilia, o maior na história da Igreja desde os tempos da simonia.

No que diz respeito ao espaço, a proveniência de [Bergoglio da Argentina](http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/569045-por-que-o-papa-francisco-nao-vai-a-argentina-amigos-e-especialistas-opinam) não podia deixar de reequilibrar o eixo de uma Igreja historicamente eurocêntrica, quando, hoje mais do que nunca, o **Velho Continente** encontra uma justificativa demográfica do adjetivo, enquanto, na **América Latina** atingida pela repressão curial da teologia da libertação, transbordam seitas e pequenas igrejas autoproclamadas evangélicas. Tão evangélica a ponto de apoiarem personagens como **Bolsonaro**.

Tudo isso em uma fase em que o papa é objeto de uma sistemática campanha de difamação por parte dos setores eclesiásticos mais conservadores. Não se via algo semelhante na Itália desde os tempos de **Pio IX**. Com a única diferença de que, enquanto naquele época, pelo menos depois de 1849, foram os liberais que se inclinaram contra o papa [Mastai Ferretti](http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/595197-a-ambigua-modernidade-do-pontificado-de-pio-ix%22%20%5Ct%20%22_blank), agora é a direita que faz isso, desde aquela respeitável e bem-pensante até aquela declaradamente fascista, passando pelo descaradamente soberanista do terço nas mãos.

Entre os séculos XIX e XX, quando a **Igreja Católica** foi sacudida pelo movimento reformador modernista, a cultura idealista italiana aplaudiu com entusiasmo a sua condenação por parte de [Pio X](http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/589567-a-reforma-de-pio-x-durou-60-anos-nao-sei-se-esta-durara-tanto-tempo-entrevista-com-dom-marcello-semeraro) na encíclica ***Pascendi***(1907). Enquanto estavam em gestão os acordos clérigo-moderados, de fato, o catolicismo ia bem assim como estava, ou seja, como fator de estabilidade dos equilíbrios sociais existentes.

É preciso se perguntar se, mais de um século depois, **Galli della Loggia** não é um epígono, não digo daquela linha, mas sim daquela atitude. No mínimo pela contribuição que ele deu (inconscientemente?) à ofensiva integralista contra o [Papa Francisco](http://www.ihu.unisinos.br/599134-o-papa-o-sentimento-religioso-e-o-apelo-pelos-ultimos).

<http://www.ihu.unisinos.br/599220-quando-o-papa-se-inspira-em-karl-rahner-artigo-de-alfonso-botti>